Identidade e identidades Judaicas

Bernardo Sorj*

Para Hershale Grin, Z"L

1) As identidades individuais e coletivas são a forma pela qual a cultura expressa a finitude humana (a consciência/sentimento do isolamento/separação do resto do universo, da fragilidade e fugacidade da vida e a certeza da morte), diferenciando e revinculando indivíduos e grupos com o universo social e a natureza.

   Comentário: A identidade é uma dos caminhos que a cultura oferece para enfrentar a finitude. Alem do uso de produtos alucinógenos e o álcool que limitam, as vezes em forma drástica, a consciência de si, varias correntes espirituais procuram atingir o êxtase ou o esvaziamento do ego pela suspensão do estado de consciência reflexiva.

2) A identidade social se constrói em torno da identificação com crenças, símbolos e praticas que delimitam, que criam fronteiras, contendo a tendência à "mistura", seja dos indivíduos a se confundir uns com outros, seja dos grupos a se integrarem. A partir das identidades é possível construir "memórias" e narrativas de si mesmo e do grupo.

3) Uma identidade social supõe: a) um ou vários critérios que definem as regras de entrada ao "clube" –que pode ser individual-, b) uma serie de praticas sociais e sistemas simbólicos que explicam/confirmam a especificidade do individuo ou grupo, e c) uma autoridade formal (como, por exemplo, um juiz ou um rabino) ou informal (um consenso compartilhado) que confirme a imagem/definição do indivíduo ou grupo, seja tanto por ele mesmo ou quanto por outro indivíduo ou grupo.

4) As identidades podem ser: a) internas, isto é auto-definidas ou, b) externas, definidas pelo outro.

5) As identidades são a base dos sistemas classificatórios dos indivíduos e grupos sociais, dentro dos quais cada um apresenta uma versão de si mesmo e do outro. Em outras palavras, a identidade sempre depende de quem o observador e quem é o observado.

6) As identidades são sempre contigentes, isto é, produto de circunstancias históricas, sociais e psicológicas. Como os sociólogos gostam de enfatizar, são construções sociais. Contudo, para os indivíduos que vivem suas identidades elas não são aleatórias mas o próprio sentido da vida, aquilo que diz qual é seu lugar "natural" no mundo.

7) As identidades individuais se definem por varias filiações (pertencimentos/ identificações), como as biológicas, sociais ou míticas. As identidades individuais são sempre múltiplas (por exemplo, familiar, geográfica, política, religiosa).

8) Tanto as identidades individuais como coletivas dependem de valores compartilhados. Não existe identidade individual fora de um marco cultural compartilhado. Nas sociedades tradicionais o espaço da identidade individual estava fortemente amarrado e limitado pela identidade coletiva e os mecanismos de imposição via controle social ou da autoridade religiosa/política. Nos tempos modernos a relação se inverte, exigindo que cada indivíduo considere sua identidade como um ato volitivo, isto é, uma escolha moral autônoma, levando a que ela seja vivida como uma escolha pessoal.

---

* Professor titular de Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e diretor do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais (besorj@attglobal.net).

9) Nas sociedades liberais modernas continua a existir o sentido de “nós”, de comunidade, só que cada membro do grupo tem o direito de definir o que ele entende por “nós”. O sentido da identidade deve ser construído individualmente. Toda delegação de autoridade de poder simbólico (por exemplo a um pastor ou a um rabino) é um ato de vontade individual que pode ser suspense em qualquer momento.

10) Uma ou varias identidades, podem ser experimentadas como sagradas (desde uma religião a um time de futebol), isto é, como forças transcendentais que dão (e tiram) sentido a vida.

11) A pesar dos mecanismos sociológicos e psicológicos de construção de identidades serem universais e desvendáveis, as ciências sociais não desenvolveram explicações igualmente sólidas para compreender porque certas identidades, em particular as religiosas e étnicas, apresentam uma permanência no tempo e uma capacidade de sobrevivência as mais diversas transformações históricas. Em outras palavras, se todas as identidades possuem mecanismos formais similares de reprodução, os seus conteúdos tem efeitos específicos e impactos diferenciados.

12) O respeito ao direito de cada um a escolher, construir e viver sua identidade é a condição de uma sociedade democrática e humanista. O maior perigo a liberdade humana nos tempos modernos provem daqueles que procuram impor aos outros o monopólio de decisão sobre suas identidades individuais e coletivas. O paradoxo e o limite dos valores democráticos é que eles devem permitir o livre exercício de toda identidade, menos daquelas que objetivam a supressão da liberdade de escolha.

----------------------o------------------

13) O judaísmo, ate os tempos modernos, como todas as religiões, construiu sua identidade numa serie de crenças, mitos, endogamia, ritos e praticas sustentadas na separação entre o puro e o impuro, entre o profano e o sagrado, entre sua versão particular como povo escolhido (pois para todas as religiões, os que nela acreditam são os escolhidos ("fora da igreja não há salvação ") e os outros povos.

14) Este conjunto de praticas, presentes na bíblia, foram radicalizados pelos rabinos, de forma a criar as condições de sobrevivência na diaspora. A falta de um espaço geográfico comum, que naturalmente separasse os judeus dos não judeus, levou a estender as regras de pureza/impureza a quase todos os atos, ritualizando todas as praticas cotidianas e assim dificultando a mistura natural que as condições de vida em diaspora propiciam.

15) O judaísmo rabínico se construiu como um sistema identitátario que definia: a) as regras de entrada (conversão ou consangüinidade –inicialmente patrilinear e posteriormente matrilinear-), b) um conjunto de praticas e crenças (leis sobre pureza/impureza, ritos, endogamia, narrativas sobre a sentido da historia, esperança messiânica, sistemas de transmissão inter-geracional de conhecimento, expectativa de um outro mundo e no renascimento nos tempos finais) , e, c) um sistema de autoridade centrado na autoridade rabínica (exercida nas grandes decisões sempre em forma coletiva e por delegação da própria comunidade, já que no judaísmo o rabino não possui nenhum status teológico particular nem o rabinato apresenta uma estrutura hierárquica).

16) Os tempos modernos explodiram as bases do judaísmo rabínico. A grande maioria dos judeus abraçou os valores da modernidade. As possibilidades abertas pela igualdade perante a lei e de participação em todas as áreas da vida social, representou para os judeus, um grupo que tinha sido oprimido durante

séculos, uma chance única de reconhecimento, de dignificação e mobilidade social.

17) O judaísmo moderno separou a) os judeus e o judaísmo, b) os judeus do judaísmo e, c) o judaísmo de uma fonte ultima de autoridade . Separou judeus e judaísmo, pois enquanto na versão tradicional cada judeu procurava realizar uma imagem compartilhada do judaísmo, na sociedade moderna cada individuo realiza sua versão do que seja para ele judaísmo. Separou os judeus do judaísmo porque na vida moderna o judaísmo ocupa somente uma parte do espaço existencial de cada judeu, que se sente membro de outras coletividades de destino (p.ex.., circulo profissional, pais onde habita, classe social, humanidade). Finalmente retirou do judaísmo uma fonte ultima de autoridade coletiva, transferindo a consciência individual à definição do que seja judaísmo, portanto pluralizando o judaísmo.

18) Na passagem para a modernidade foi realizado uma serie de esforços para integrar judaísmo e modernidade num conjunto coerente. Estas versões secularizantes do judaísmo se deram tanto na religião (judaísmo liberal e conservador) como a traves de ideologias políticas (bundismo –isto é, socialismo idishista- e sionismo). Em todas estas versões procurou-se integrar o judaísmo com os valores da modernidade, reinterpretando, diminuindo ou eliminando as praticas centradas no código puro/impuro, judeus/não judeus.

19) As novas versões religiosas e seculares do judaísmo a partir do século XVIII procuraram enfatizar as continuidades entre a tradição judaica e os valores da modernidade, de forma a facilitar a integração social dos judeus e sua aceitação pelos não judeus. Assim o fazendo terminaram minimizando ou negando os particularismos da identidade judaica. Esta orientação do judaísmo nos séculos XIX e XX, supunha que a modernidade era um conjunto de valores universais e coerentes entre sim, desconhecendo a diversidade de identidade e lealdades particularistas com as quais deve conviver o homem moderno (e possivelmente

todo individuo em qualquer sociedade). Inclusive o discurso universalista - que afirma uma visão inclusiva da humanidade- é particularista, pois apresenta uma visão possível entre muitas outras do que sejam valores universais. Na pratica o homem moderno apresenta múltiplas identificações e lealdades (familiar, local, nacional, religiosa, política, profissional) que não são reduzíveis a um todo coerente e que por vezes estão em contradição entre si. Em suma, toda identidade individual tem dimensões esquizofrênicas. Se os judeus, na modernidade, sofreram em particular do caráter esquizofrênico de toda identidade é porque foi cobrado deles lealdades múltiplas e particularismos que normalmente são aceitos quando se trata da maioria da população.

20) O judaísmo, desde suas origens aos tempos atuais, se construiu em torno da experiência de uma tribo/grupo/povo/religião pequena dentro de um entorno hostil, dominado por grandes impérios ou da convivência como uma minoria em contextos diasporicos. A memória do judaísmo, no relato mítico, histórico ou na experiência psíquica individual, desde a saída do Egito aos juizes e profetas, da destruição do templo ao holocausto, é de *resilience/endurance*, frente a adversidade (inclusive a festa mais "alegre", Purim, o carnaval judaico, tem como motivo que os judeus foram salvos pela Rainha Esther do genocídio!!)

21) O longo debate sobre o que define o judeu moderno, o anti-semitismo, isto é, um elemento externo, ou um conteúdo interno, é um falso debate. Na construção da cultura judaica (e isto vale para todo outro povo) a perseguição não é nunca uma externalidade, uma imposição de fora frente a qual os judeus passivamente se posicionam, aceitando ou fugindo do judaísmo. A perseguição é sempre uma positividade, o perseguido nunca é simplesmente uma vitima passiva. A partir da perseguição os judeus construíram uma cultura e um saber pratico de sobrevivência, uma solidariedade de grupo –explicita ou não-, instituições e narrativas, dentro das quais o externo foi reelaborado e transformado em formas de agir e de pensar, em componentes psíquicos inconscientes nos quais

convivem insegurança e capacidade de resistência, traumas auto-destrutivos e sabedoria criativa, presentes em forma mais ou menos diluída entre aqueles que a biografia (geralmente através da família) os levou a receber esta herança cultural.

Comentário 1: Que alguém tenha recebido está herança não o torno automaticamente judeu, o que depende de uma decisão pessoal.

Comentário 2. Em relação a aquelas pessoas de ascendência familiar judia mas que não se definem como judeus, elas não possuem uma identidade judia. Pode se argumentar que um olhar externo, geralmente anti-semita, pode defini-los como judeus. Neste caso o judaísmo não é uma identidade mas um **estigma**, pois não expressa a livre escolha da pessoas. Se alguém teve pais judeus, por exemplo, eescolhou ser cristão, e mesmo assim morreu no Holocausto, não significa que ele morreu como judeu. Ele morreu como um cristão assessinado pela loucura sanguinária de uma ideologia que não aceitava que as pessoas escolhessem sua identidade.

22) Para a grande maioria dos judeus modernos a identidade judaica apresenta as seguintes características: a) ela é uma identidade a ***tempo parcial***, ou seja, a nível consciente a identidade judaica aparece só circunstancialmente, b) ela é **modular**, isto é a tradição judaica se transforma num Lego onde cada um reconstrói seu modelo personalizado, c)) ela é **mutante**, acompanhando as permanentes transformações da sociedade, e, d) ela é dependente do **ciclo de vida**, das relações inter-geracionais e de passagens na vida pessoal .

23) Para o homem/mulher moderno/a o que seja o judaísmo e ser judeu é uma questão pessoal, intransferível a uma autoridade externa. A discussão sobre o que é a essência do judaísmo pertence as guerras culturais no interior do judaísmo, que dependem do contexto histórico e da capacidade política de ação dos diferentes grupos em confronto.

24) Embora a definição do que seja judeu e o judaísmo seja, do ponto de visto sociológico e ético moderno, uma questão individual, ainda permanecem em aberto as dimensões políticas associadas a toda identidade coletiva, ou seja a tendência do grupo a definir regras/barreiras de entrada, ritos de passagem e pertencimento. Esta problemática se coloca em forma radicalmente diferente na diáspora e no Estado de Israel. Na diáspora existe espaço para infinitas comunidades judaicas, cada uma com seus critérios próprios e em dialogo implícito ou explicito com as outras. No Estado de Israel a definição do que seja judeu tem outro tipo de conseqüência, ela determina o direito ao acesso a nacionalidade israelense (no momento convivem em Israel duas definições de judeu, a dada pela Suprema Corte de Justiça, que determina que qualquer um com um avó ou avô judeu tem direito a cidadania, e a definição do rabinato ortodoxo, a quem o estado entregou a adjudicação interna de nacionalidade e que mantém uma definição tradicional rígida).

Rio de Janeiro, Maio de 2004